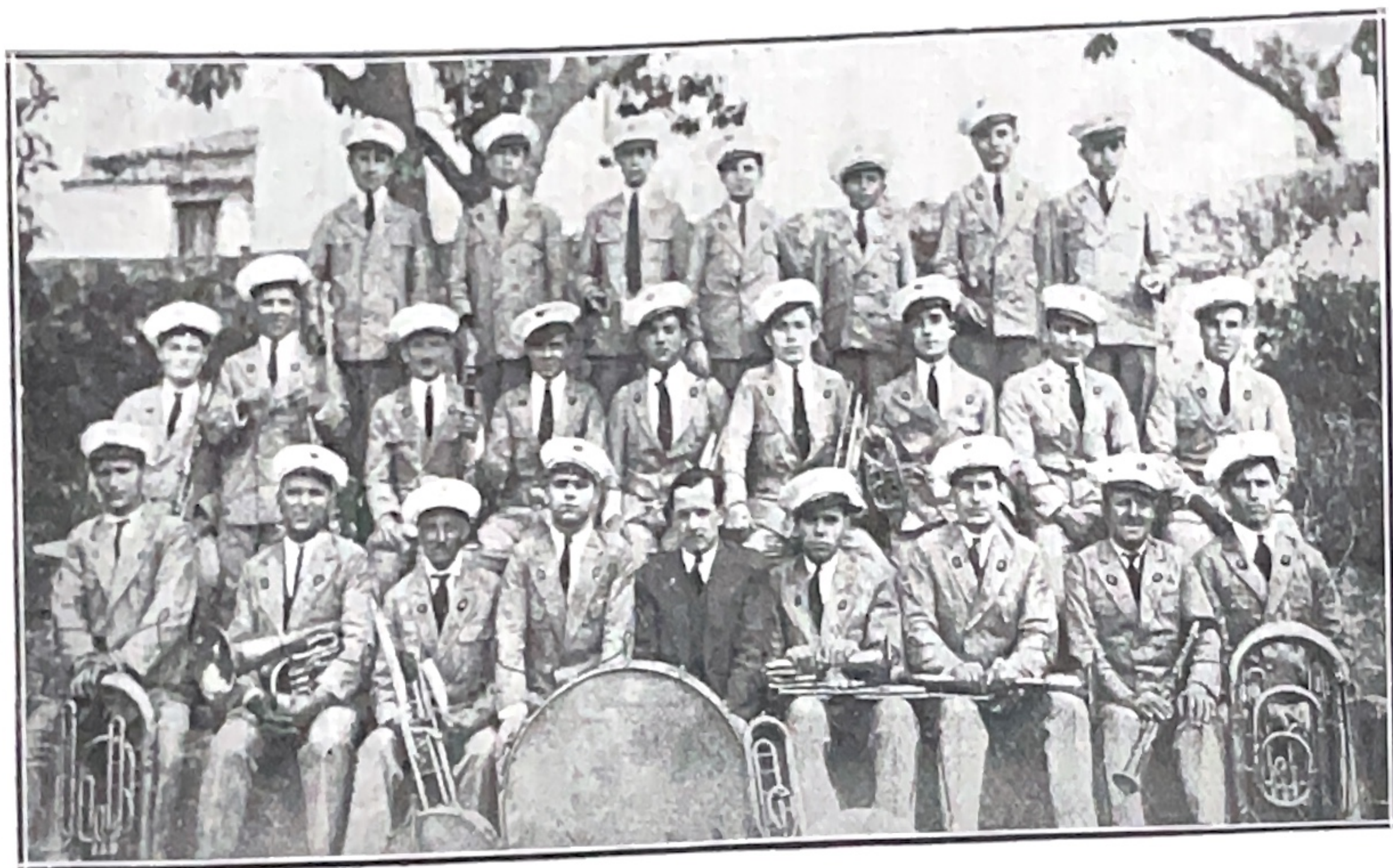


1932

# As Filarmónicas de Mação



A  
filarmónica  
da  
Sociedade  
União  
Maçaense  
com  
o  
seu  
estimado  
regente  
sr.  
Helder  
Ribeiro

*Artigo escrito ha dois anos por Francisco Serrano (Velho Maçanico).*

Em 1862 surgiu entre os maçaenses a ideia da criação de uma banda de musica; e, por meio de subscrição publica adquiriram o instrumental necessário.

Naquele tempo era sobremaneira honroso cultivar a divina arte, porisso não tiveram pejo de fazer parte da banda individuos de certa representação social, como Antonio Eugenio Belo Neto, Antonio de Matos Sousa Cravo, Abilio Gueifão Belo, José Belo Esteves Cravo, João de Matos Condeixa, e outros.

O professor Matagote e depois José do Carmo e Leonardo Faria, foram quem instruiu e regeu a banda, mantendo-se esta até 1869. Neste periodo de tempo a filarmónica de Mação adquiriu certa fama, assistindo a todas as festividades dos povos circunvisinhos.

Aí por 1870 ainda o repertorio contava dentre outras musicas, trechos da Lucia de Lamermoor, da Traviata, da Norma, Rigoletto, etc., trechos que então ouvi e ainda hoje recordo.

Saindo o ultimo mestre, L. Faria, ficou a banda a ser regida pelos musicos mais velhos, João Leitão, Mateus Marques e Antonio Vicente Heitor, que sucessivamente a foram mantendo, mas já em decadencia.

Em 1875 achava-se ela muito reduzida com falta de pessoal e de instrumental, podendo considerar-se ferida de morte. Porém, com a criação da Comarca de Mação, que trouxe a Mação mais vida e certa importancia, novas energias surgiram, e, tambem por meio de subscrição, adquiriu-se novo instrumental, recrutando-se novos executantes, para instruir os quais voltou a Mação o professor Leonardo Faria, que era tão bom musico como apreciador de licor de Bacho, e, em 1877, inaugurou-se a nova banda, que o mestre Faria regeu durante alguns anos. Apesar de alcoolico, era o mestre Faria bom professor, zeloso e trabalhador. As partituras dos responsorios Miserere, e todas as musicas e motetes que até ha pouco ainda se executavam em Mação, foram obra sua, respigados e transladados de David Peres e Marcos Portugal, afamados maestros portugueses.

Saindo o mestre Faria veio substitui-lo um espanhol de nome D. Galindo, mas este pouco fez brilhar a filarmónica, porque pouco mais ensaiava do que tangos e seguidilhas espanholas. Este espanhol era um patriota a valer. Os factos que vou narrar assim o comprovam.

No dia 1.º de Dezembro a filarmónica costumava percorrer as ruas da vila e ir para a praça, tocar o hino da Restauração, comemorar a nossa independencia da Espanha em 1640.

O D. Galindo, ferido nos seus brios patrióticos como bom espanhol, recusava-se a ensaiar o hino e a tomar parte na manifestação; mas a ameaça de que seria despedido se não ensaiasse o hino, lá se resolveu, mas não assistiu á execução! Censurado por esse facto dizia: Caramba! Ha mil anos que morreu um burro e ainda hoje se fala na albarda!

Saindo daqui foi reger uma banda para Tomar e por igual motivo no dia 1.º de Dezembro do ann seguinte morreu de uma congestão cerebral naquela cidade!

A filarmónica passou então a ser regida pelo musico Agostinho da Silva, que, atravez de muitos sacrificios, a manteve até 1890, prestando-lhe bons serviços sem os quais teria terminado de vez. Os musicos de então pouco respeitadores e indisciplinados fizeram-lhe sofrer desgostos que ele logo esquecia pelo amor á arte.

Afastado da regencia por doença, formou-se nova sociedade com rapazes novos, sob a regencia de Francisco Serrano, que educou e disciplinou os executantes, e, adquirindo-se alguns instrumentos necessarios, manteve-se a banda em certo grau de prosperidade que é do conhecimento dos maçaenses, pelo que era contratada para todas as festividades do concelho e para algumas de outros limitrofes.

Com a saída de Mação deste regente em 1898, entrou a banda novamente em decadencia.

Em 1902, constituiu-se uma comissão composta dos ilustres maçaenses dr. Samuel Mendes Mirrado, dr. Fernando Calado Rodrigues, José Daniel de Sequira e Francisco Alves Casquilho, que, no honroso desejo de ser util à sua terra natal, meteu hombros à empreza de angariar dinheiro para a compra de um novo instrumental. Este seu gesto patriotico obteve bom exito,

## O VINHO DA CHAVE DOURADA

O vinho da *Chave Dourada* é, entre as tradições de Mação, aquela que ocupa um mais alto e consagrado lugar.

Este celebrado vinho era fabricado cuidadosamente com uvas escolhidas e todos os anos era parcialmente renovado com vinho da nova colheita.

Nos Paços do Concelho havia um tonel dêsse vinho precioso, e, como o tonel era fechado com uma ou mais chaves douradas que estavam em poder das autoridades de então, daí veio o nome famoso.

Segundo parece, os franceses de uma das invasões destruíram o tonel, certamente depois de terem bebido o vinho, que nesse tempo não teria menos de dois séculos de renovação parcial anual.

Mas a fama do precioso nectar não ficou restrita à região. Galgou até Lisboa a desuflar o estro de António Diniz da Cruz e Silva e de Curvo Semedo.

O primeiro escreveu:

Não quero Borgonha  
Não quero Champanha  
Não quero Tokay  
Nem vinho do Cabo;  
Os vinhos estranhos  
Não provo, não gabo.  
Quero vinho que alegre e aquece  
Dá-me desse que guarda na cuba  
—Dóce sumo, Mação excelente—  
Camarista estimado e válido  
De Evio Lysio, na casa enramada  
Por chamado  
Da Chave Dourada.

De Curvo Semedo é o seguinte ditirambo ao Duque de Lafões:

Venha Carcavelos  
Siático, Albano,  
Mação, Maçagão,  
Madeira, Champanha  
Falerno  
Superno  
Ou eterno  
Farei no meu canto  
Que honrar quero um fausto dia.

Num outro ditirambo do mesmo poeta:

Venha, venha um tonel portentoso  
D'almo elixir Mação, trimado borbulhante  
Que para nossa gloria Epaphio ebrisaltante

Em vale pampinoso  
Virente, racemoso  
Thyrs, gero, biboso  
Produce Sazona ovante  
.....

Ainda em outro se encontra também referência de Curvo Semedo ao vinho magnífico:

Quantas saudades  
Farei de almudes  
.....  
.....

Eis a terceira

Vá neste ensejo do Mação tragante  
.....

Assim cantado, o vinho de Mação, o precioso vinho da *Chave Dourada*, criou fama grande.

Hoje, apenas em duas ou três casas de Mação se mantem a tradição mas o vinho da *Chave Dourada*, que nelas se oferece como dádiva preciosa, sendo coisa esplêndida, deve, porém, ser apenas um arremedo da *quele vinho capitoso e velhissimo* que acendia em labaredas o estro de poetas os mais famosos.



### FARMÁCIA BAPTISTA

CASA FUNDADA EM 1836

DIRECTOR

R. Sacadura Cabral-MAÇÃO

Izldro Marques Baptista

Aviamento escrupuloso e rápido de todo  
o receituário

Deposito de produtos quimicos, especialidades  
farmaceuticas nacionais e estrangeiras e aguas  
minero-medicinais.

Deposito exclusivo neste concelho do

**SORO ANTI-DIFTERICO**



pelo que mandaram vir os instrumentos da Alemanha em boas condições de preço e qualidade. Veio um professor e no verão daquele ano foi a banda inaugurada com uma retambante festa.

Passados alguns anos intrometeu-se na sociedade virus mortifero — a politica — que, pouco a pouco, a foi minando até chegar a novo estado de decadencia e teria findado de todo se os esforços de Francisco Simões Saldanha a não conseguissem manter até ha poucos anos.

Actualmente quasi não existia. Novamente o patriotismo de filhos de Mação se reacendeu e emprehendeu o plano de restaurar a banda. Uma comissão de maçaenses residentes em Lisboa de que fazem parte os be-

nemeritos José Maria Esteves Coluna, presidente; Frederico Leitão Pereira, vice-presidente; Joaquim Adriano Lopes, tesoureiro; Alexandre da Silva Fernandes e Hilario Serrano, secretários; Moisés da Silva Fernandes, Vitoriano Adriano Joaquim, Eduardo Alves, Manoel Serrano Saldanha e Adriano Joaquim Lopes, com muito trabalho e sacrificios conseguiram arranjar dinheiro para o instrumental. Todos estes trabalharam afincadamente para realisar o seu intento, mas a mola propulsora de todo este movimento foi sem duvida Alexandre da Silva Fernandes; e de tal modo agiram que o instrumental aí está, com uma nova Sociedade, cuja inauguração hoje se efectua.